



FÓRUM MUNDIAL E A QUESTÃO INDÍGENA

O Governo do Canadá vem desenvolvendo uma série de esforços para que a questão indígena seja amplamente debatida durante a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento - UNCED - 92. A inclusão de representantes indígenas canadenses na delegação oficial que participará do evento, é uma prova da sensibilidade das autoridades com a questão indígena. O vice-presidente do Conselho Nativo do Canadá, Dan Smith, foi convidado a participar da terceira e quarta reuniões preparatórias da Rio 92. Mas essa decisão não se limitou, simplesmente, à parte oficial do grande fórum mundial de debate das questões ambientais.

Duas reuniões de consulta foram realizadas, em janeiro de 1992, junto a líderes indígenas. O principal objetivo do encontro foi de fornecer informações sobre os processos e atividades indígenas, tanto na formulação da posição oficial do Governo do Canadá quanto nas atividades paralelas da Conferência. Os povos indígenas canadenses terão, dessa forma, voz ativa nas decisões que forem tomadas oficialmente dentro da UNCED 92 e nos debates paralelos. Poderão prestar importante contribuição, compartilhando experiências históricas de uma convivência harmoniosa com o meio ambiente.

O governo canadense tem ainda, enfatizado a importância dessas contribuições na área de desenvolvimento sustentado. Dessa forma, auxilia na ampliação do nível de conscientização de outros governos e de organizações não governamentais no que se refere ao conhecimento tradicional representado pelas culturas indígenas. A ICC, organização que reúne os povos Inuit do Círculo Polar Ártico, presidida pela líder canadense, Mary Simon, e a Assembléia das Primeiras Nações, representada pelo vice-chefe, Lawrence Coutereille, estão credenciadas como organizações não governamentais que participarão da Conferência.

A exposição "Masters of the Arctic" (ler matéria nesse número) conta com o co-patrocinio do governo canadense. Dois painéis de discussão que estão sendo organizados pelo Governo dos Territórios do Noroeste do Canadá sobre gerência de recursos naturais renováveis e aplicação do conhecimento tradicional dos povos indígenas também contam com o apoio das autoridades.

O Fundo Andorinha Púrpura, financiador de projetos na área de meio ambiente, também criado no âmbito da UNCED 92. Com essa iniciativa o governo canadense colocou à disposição de instituições brasileiras, governamentais ou não, recursos para a elaboração de projetos de pequeno alcance nessa área. Foram analisados mais de 300 projetos dos quais 25 receberam aprovação e recursos do Fundo. Programas tão diversos quanto a preservação do mico-leão, ecologia social e direito ambiental, entre outros,

Milla Petriolo



A MÚSICA QUE TRAZ DE VOLTA O ORGULHO

Jacques Hernau é um jovem índio montanhês e mora na reserva Grande Ours. Como seus companheiros, ele frequenta a escola da reserva onde vive. Lá ele tem aulas de inglês, francês e em língua Innu sobre os mais diversos temas. Ele estuda uma outra versão da história de seu país. O governo da província onde ele reside reescreveu os livros de história para refletir a participação das primeiras Nações (denominação dos povos indígenas do Canadá) na construção do país. A língua de seus antepassados continua viva em sua comunidade e começa extrapolar os limites de sua região. Quando chega em casa e liga o rádio, Jacques Hernay já não se sente mais tão estrangeiro no país onde vive. A música que ouve é orgulho de sua tribo e um sucesso nas paradas musicais de todo o país. Mas ele tem uma vantagem sobre os demais ouvintes. Jacques Hernay compreende a letra que acompanha uma melodia country-rock, do grupo Kashtin.

A integração da cultura dos povos indígenas na sociedade moderna canadense tem no grupo Kashtin um representante de vanguarda. A língua Innu, antes falada somente por membros de uma mesma comunidade indígena e estudiosos, foi harmoniosamente associada ao rock. Hoje ela frequenta salas de

concerto, está presente nos mais diversos programas de rádio e televisão exibidos no país e conquistou grande número de admiradores entre os canadenses que não entendem uma só palavra da língua Innu, falada pelo grupo de índios montanheses.

Consagrado pela crítica musical logo após o lançamento de seu primeiro trabalho, em 1989, o grupo Kashtin provou que para chegar ao sucesso não necessitava cantar em inglês ou francês, as duas línguas oficiais do país. Claude McKenzie e Florent Vollant insistem no direito de cantar na língua de seus sonhos, falada por seus pais e antepassados. Apesar de não pertencerem a grupos políticos, eles reconhecem a importância do trabalho que realizam para o reconhecimento e respeito cultural de seu povo.

Em língua Innu Kashtin significa "furacão". O nome se adequa ao movimento da dupla. Com mais de 200 mil cópias do primeiro trabalho vendido em todo o Canadá, e já com um segundo a venda no mercado do país, Kashtin é o exemplo vivo de que integração é algo possível sem a necessidade de abrir mão de seu mais valioso meio de identificação cultural: a língua de seus antepassados.

receberam apoio financeiro das autoridades canadenses.

O projeto "Comitê Intertribal", que recentemente iniciou a construção de uma aldeia indígena no bairro de Jacarepaguá - a Kari Oca - no Rio de Janeiro, contou com a importante ajuda financeira do governo canadense. O local será

palco de duas conferências de destaque na programação alternativa do evento: a Conferência Internacional sobre a Terra, Meio Ambiente e Desenvolvimento, que contará com a presença de 200 indígenas brasileiros e 300 de outros países e o Parlamento da Terra, entre os dias 3 e 12 de junho.